

FUNCHAL CULTURA 2030: DANÇA

No dia 18 de junho de 2020 realizou-se a terceira conversa, no âmbito do projecto Funchal Cultura 2030, promovido pela Câmara Municipal do Funchal, sob o tema da Dança. A conversa foi transmitida em direto através da plataforma Zoom e disponibilizada nas redes sociais do Município do Funchal.

Os convidados, todos profissionais da área da dança, foram: Gonçalo Sousa (bailarino e professor na Escola de Bailado Carlos Fernandes); Henrique Amoedo (director artístico do grupo Dançando com a Diferença); Leandro Rodrigues (bailarino e professor na Associação de Artes e Dança da Madeira); Vanessa Fernandes (professora e diretora da Escola de Dança do Funchal) e Sara Anjo (bailarina e coreógrafa), que assumiu a função de Moderadora.

No diálogo foram abordadas diversas questões pertinentes à área específica da Dança, sobretudo relacionadas com a educação, a formação e a profissionalização; o financiamento do sector; e o futuro da dança na Madeira.

Apresenta-se, assim, a conversa e respectivas intervenções dos convidados:

A moderadora, **Sara Anjo (bailarina e coreógrafa)**, começou por explicar:

Esta conversa procura contribuir para o mapeamento cultural da cidade, onde tem havido uma tentativa de escutar vários agentes culturais, de forma a fazer uma reflexão partilhada e apontar eixos centrais para o Plano da Cultura.

Neste sentido, convidou os participantes a debater as questões em análise.

Vanessa Fernandes (professora e diretora da Escola de Dança do Funchal)

Posso começar pela questão da educação e da formação na área da Dança. É certo que, nos últimos anos, tem havido uma grande evolução em termos de jovens na área da

dança, com o Curso Profissionalizante do Conservatório (a partir do 10.º ano) e com o Ensino Artístico Especializado na Escola de Dança (a partir do 5.º ano). Estes dois cursos, que estão em funcionamento actualmente, vieram contribuir de forma significativa para uma melhor formação dos alunos que sempre tiveram gosto pela dança. Há uns anos, os alunos que queriam seguir uma carreira artística na área da dança tinham de sair muito cedo, para outras escolas, onde pudessem fazer formação mais especializada, que os preparasse de melhor forma. A abertura desta oferta formativa veio fazer com que os alunos pudessem permanecer na Região durante mais tempo e receber uma formação de base de qualidade, podendo sair mais tarde, já no secundário, portanto, mais crescidos e com uma formação mais sólida em termos de formação pessoal. É uma grande vantagem para todos os jovens que querem investir na área da Dança. A qualidade do ensino melhorou ao longo dos anos, cada vez têm saído mais alunos formados na área da dança, com uma preparação de base que lhes permite seguir uma carreira profissional na dança. Até há pouco tempo nem chegavam aos cem, o número de pessoas que saíam da Região para se formarem na dança, e hoje felizmente não é isso que acontece. Já temos mais pessoas formadas a saírem daqui para prosseguirem os seus estudos profissionais na área da dança.

Leandro Rodrigues (bailarino e professor na Associação de Artes e Dança da Madeira)

Realmente houve muitos progressos em termos de oferta formativa e profissionalização na ilha durante os últimos vinte anos, principalmente. Temos de diferenciar a dança masculina e a dança feminina. Continua a haver muita prática de dança por parte das raparigas, mas por parte dos rapazes ainda está um pouco aquém daquilo que poderia ser. Usando o meu exemplo, comecei já na adolescência, e antes de entrar na adolescência não tinha conhecimento nenhum sobre modalidades e ofertas que pudessem existir na Região. Acho que hoje, os rapazes seguem a área da dança muito por iniciativa própria, por vezes sem o apoio das famílias. Hoje, já existe oferta para aqueles que querem começar desde muito pequeninos. Infelizmente, as mentalidades ainda precisam de ser mudadas. Portugal é um país que dá imensa importância ao desporto, ao futebol, e provavelmente por isso não há muitos rapazes que comecem a praticar a dança desde muito pequeninos. Por isso eu deixo um apelo a todos aqueles que gostam mesmo de dançar, provavelmente será uma oportunidade de começar desde muito pequeninos e se integrar dentro desta área mais cedo e conseguir uma formação mais sólida. Para que a dança possa ser não só para raparigas, mas também para os

rapazes. Eu sou um exemplo disso. Sou madeirense e tive que ultrapassar alguns obstáculos, mas com força e dedicação, conseguimos o que queremos.

Gonçalo Sousa (bailarino e professor na Escola de Bailado Carlos Fernandes)

Estou de acordo com o que vocês dizem. É verdade que a nível de hipóteses de formação, que as pessoas já saiam daqui com alguma base. Já existia uma escola de ballet aqui na Madeira já antes do Carlos Fernandes. Inclusive, ele participou e sempre houve escolas de ballet na Madeira. Na minha opinião, o que melhorou foi a internet, pois veio possibilitar às pessoas conhecer mais escolas, e ter outras oportunidades de frequentar o ensino. Claro que, com a escola da Vanessa, e com o Conservatório, há outro tipo de formação. Estão mais preparados para uma realidade de escola superior, por exemplo, entre outros.

Vanessa Fernandes (professora e diretora da Escola de Dança do Funchal)

Escolas de dança sempre houve. A questão é ser muito difícil preparar um profissional para área da dança, principalmente quando se quer investir numa dança clássica...

Gonçalo Sousa (bailarino e professor na Escola de Bailado Carlos Fernandes)

Mas, isso sempre foi preciso sair daqui...

Vanessa Fernandes (professora e diretora da Escola de Dança do Funchal)

A diferença é ser preciso sair daqui com 10, 12 ou 14 (anos) para se fazer formação na área da dança. Isso não é uma necessidade. Pode ser uma opção. No fundo estamos a dar outras condições aos jovens de poderem fazer formação na área da dança, crescerem mais um pouco e de terem a certeza que é este caminho que querem seguir antes de dar um passo tão grande, que os obriga a estarem distantes da família.

Gonçalo Sousa (bailarino e professor na Escola de Bailado Carlos Fernandes)

E vamos ao encontro de pontos da conversa, como o que se pode fazer aqui na Madeira, para quem não tenha tantas habilitações e poder financeiro, para que possa continuar com os seus estudos aqui.

Leandro Rodrigues (bailarino e professor na Associação de Artes e Dança da Madeira)

Acho essencial sair da Região, abrir os horizontes. É necessário. Aqui, na Madeira, podemos oferecer oportunidades para começar uma base sólida pelo menos, para depois seguir uma carreira profissional. Acho que é nesse aspeto que todos nós trabalhamos. Para que possa haver um maior conhecimento e maior valorização da dança na Região.

Sara Anjo (bailarina e coreógrafa) – Moderadora

Acho que levantaste uma questão fundamental, Leandro. Questões de preconceito, de estigma em relação à dança. Acho que é muito importante referir isso e sublinhar que ainda existe. É fundamental que as pessoas se abram e se disponham a isso. Pensar na diversificação da formação, uma questão importante: sendo a Madeira uma ilha pequena, começando a haver uma maior formação e os jovens terem acesso à dança, que oportunidades têm perante o mercado que a ilha pode oferecer? Na área da dança podemos ser bailarinos, mas podemos ser muito mais que isso. Há outras funções, podemos procurar outras especializações.

Gonçalo Sousa (bailarino e professor na Escola de Bailado Carlos Fernandes)

Penso que não é a palavra “dança”, mas sim a palavra “ballet”, em que há preconceito em volta disso. Podemos ver, por exemplo, o “Prestige Dance” que é dança desportiva, tem imensos rapazes.

Sara Anjo (bailarina e coreógrafa) – Moderadora

As linguagens da dança, algumas como o ballet trazem isso e outras abrem, como as danças de rua, já têm outra relação e é diferente.

Henrique Amoedo (director artístico do grupo Dançando com a Diferença)

Acho que falamos de coisas muito importantes, pensando na dança como um todo e não das estruturas que cada um representa. A profissionalização da dança na Madeira já evoluiu muito. Pensamos na dança na Madeira como uma coisa de dentro para fora. Compreendo a necessidade de sair, mas também acho que a Madeira pode ser um centro de referência na área da dança. Isto acontece com a “Dançando com a Diferença” e com a dança inclusiva. Se pensar na dança inclusiva hoje, todos pensam na Madeira como um centro, não pensam que vão estudar fora dança inclusiva. Neste momento temos uma pessoa que veio de uma universidade do Brasil para cá para estudar. Isto já

aconteceu diversas vezes. Tivemos o Marco que ganhou a Bolsa Pina Bausch para vir estudar connosco. É importante ter outros horizontes, mas as coisas não acontecem sempre da Madeira para fora. O contrário também pode acontecer e é bom termos isso como perspectiva de futuro. Se pensarmos em dez anos, porque não pensar na Madeira como um polo de atracção de formação em dança?

Vanessa Fernandes (professora e diretora da Escola de Dança do Funchal)

Uma das questões que falámos tinha a ver com a formação numa fase mais inicial de 1º ciclo e, relativamente aos rapazes, se investíssemos na introdução da dança desde o 1º ciclo, estaríamos a familiarizar a dança na formação e crescimento das crianças. Independentemente de ser rapaz ou rapariga a relação com a dança torna-se muito mais natural e caem todos os preconceitos que estão criados relativamente à dança, independentemente do estilo de dança que estivermos a tratar. Realizar dança é uma mais-valia no desenvolvimento de qualquer criança, em termos cognitivos, emocionais e físicos. Qualquer criança beneficia do facto de estar a fazer dança numa perspectiva mais criativa, menos técnica. Isso vai fazer com que seja natural que um rapaz ou uma rapariga possam praticar dança, possam criar gosto pela dança e quebrar este tabu, relativamente aos rapazes na dança. Os miúdos querem porque gostam. Nós temos um contacto direto com as escolas e os rapares adoram arte: adoram dança, teatro, música. A verdade é que, quando estamos a criar turmas de 5.º ano, normalmente aparece-nos um ou dois rapazes, quando poderíamos ter tantos rapazes na formação na área da dança como temos raparigas. O gosto dos rapazes é exactamente o mesmo. As crianças gostam, mas a resistência está nos pais. A partir do momento em que se der a introdução da dança no 1º ciclo, poderá ajudar a quebrar esta dificuldade que os adultos continuam a ter, em relação a termos rapazes na dança. Em termos de formação, de dentro para fora, acho que nós estamos a investir na formação dos nossos jovens alunos e um projecto deste género pode ser pioneiro no país e uma forma de passarmos a ser uma referência em termos de introdução da dança no 1.º ciclo, com um projecto bem estruturado, que interligue a dança com os planos curriculares do ensino regular. E isso é de fácil integração se houver vontade de se fazer um projecto deste género.

Gonçalo Sousa (bailarino e professor na Escola de Bailado Carlos Fernandes)

É verdade, acho que temos de começar a incutir mais nas crianças e nos pais, principalmente. Porque as crianças, tudo o que tenha a ver com movimento e com

dança, penso que não é tabu para eles. Penso que é mais nos pais que temos de começar a cultivar a ideia de que a dança faz parte também.

Leandro Rodrigues (bailarino e professor na Associação de Artes e Dança da Madeira)

E que a dança é algo que pode ser visto também como uma profissão de futuro. Acho que temos que incutir essa parte porque qualquer bailarino pode levar isso como profissão. Em certa altura, uma aluna minha disse à professora que queria ser bailarina, e a professora disse que ser bailarina não era profissão. Esse tipo de mentalidade ainda é um pouco aquilo que nós temos de mudar.

Henrique Amoedo (director artístico do grupo Dançando com a Diferença)

Quando eu falo de dentro para fora, eu falo da minha realidade. Quando iniciamos este projecto de formação, começámos com pessoas que não tinham experiência, que não tinham formação de base e essas pessoas foram formadas no decorrer do trabalho “Dançando com a Diferença”. Várias pessoas já passaram pelo “Dançando com a Diferença”. Outros trabalhos de formação na área da dança já existem na Madeira e já acontecem. Podemos falar não só do trabalho formal, das escolas formais, mas há muita dança na Madeira. Acontece dança nas escolas, mas o que não há ainda é o aproveitamento das pessoas que foram formadas na dança na Madeira, para depois darem aulas nas escolas. Legalmente, não sei como isso é feito e também não sei nem acho que isso seja competência da Câmara.

Leandro Rodrigues (bailarino e professor na Associação de Artes e Dança da Madeira)

A formação na área do ensino, neste momento, existe só na Escola Superior de Dança, com o mestrado. A licenciatura é ligada à interpretação e à criação. Para te tornares professor tens de fazer o mestrado.

Henrique Amoedo (director artístico do grupo Dançando com a Diferença)

Com essa perspectiva reduzimos ainda mais. Quem é que vai dar aulas de dança?

Leandro Rodrigues – Professor da Associação de Artes e Dança da Madeira

Sabemos que há muitas pessoas que trabalham e que têm muita experiência profissional e que trabalham como professores. Isso também é possível.

Henrique Amoedo (director artístico do grupo Dançando com a Diferença)

Quando falei da formação, falei da regulamentação, ou seja, quem é que dá a formação regular se formos para escolas de 1.º ciclo. Não é competência da Câmara regulamentar essa formação. Quando falo de dentro para fora, tenho a certeza que há imensos profissionais de dança que adorariam vir à Madeira fazer uma residência artística, e estar com os bailarinos e com os alunos, para vivenciar toda essa experiência de estar na ilha, e o que a ilha oferece enquanto espaço, para levar isso na sua linguagem de dança. Ou seja, ele deixa essa experiência aqui e leva a Madeira com ele, que acaba sendo divulgada. A dança pode acontecer de dentro também, podemos atrair isso, é uma fase da formação. Depois, o que foi semeado aqui também passa a sair, que é o que acontece com o “Dançando com a Diferença”. O grupo passa várias dessas fases, da formação: tenho bailarinos que dançam há quase vinte anos e que não têm uma formação reconhecida. Mas tiveram mais anos de experiência prática do que alguém que fez uma Escola Superior.

Gonçalo Sousa (bailarino e professor na Escola de Bailado Carlos Fernandes)

Acho que já se peca por aí. No início da conversa falava-se que temos o 1.º ciclo ou o secundário onde se dá dança. Quem é que dá dança? São os professores de Educação Física que não têm experiência nenhuma?

Vanessa Fernandes (professora e diretora da Escola de Dança do Funchal)

Os professores de Música também dão aulas de dança e de teatro.

Henrique Amoedo (director artístico do grupo Dançando com a Diferença)

Acho que a experiência também conta muito. A Madeira é um atractivo para muitas pessoas, que têm o sonho de conhecê-la. Porque não potencializar isso juntamente com o ensino da dança? Porque não trazer coreógrafos, professores e isso esbarra com a questão do financiamento. Como é que vou trazer as pessoas?

Vanessa Fernandes (professora e diretora da Escola de Dança do Funchal)

Essa questão de convidar pessoas nós estamos a fazer isso de forma bastante autónoma. Por exemplo, o Henrique convida coreógrafos e professores para trabalharem no projecto dele; eu convido professores e coreógrafos para trabalharem no meu projecto; o Conservatório há-de fazer o mesmo e isto funciona muito assim. Se calhar, se

pensássemos nos projectos mais em conjunto, chegaríamos à conclusão que seria muito mais proveitoso para todas as instituições partilharem coreógrafos e professores; repartirem despesas; os valores que têm de ser pagos às pessoas pelo trabalho que fazem, e ficaríamos a ganhar muito mais. Teríamos mais gente a rodar as estruturas: quem viria ao “Dançando com a Diferença”, poderia ir ao Conservatório, à Escola de Dança...no fundo toda a gente ganharia com este contacto. Quem vem, vem conhecer os projectos de todos. Os alunos que estão nas diferentes estruturas têm contacto com as mesmas pessoas que vêm para trabalhar com um determinado projecto, mas vêm conhecer os outros e dá para partilhar experiências. Os professores têm mais contacto, nós aqui estamos mais privados de qualquer contacto com o mundo profissional da dança. Não há Companhias, as escolas que existem são as nossas, e outras mais pequenas, que entretanto têm surgido. Este contacto com profissionais da área partilhado entre instituições seria muito mais proveitoso para todos nós.

Sara Anjo (bailarina e coreógrafa) – Moderadora

Estamos aqui a tocar em coisas muito importantes, mas também pensar no turismo cultural da Madeira como uma linha para tudo isto: que os turistas possam ir conhecer a Madeira por causa das suas estruturas ligadas à dança, e o que se pode desenvolver. Estamos agora a tocar nas questões dos apoios à criação e à apresentação, para além da formação. O que é que se pode fazer na ilha para que haja profissionais a chegar, para que haja apresentações de espectáculos, que não sejam só vocês, estruturas já bastante carregadas com outras questões a pensar em linhas de programação e de criação?

Gonçalo Sousa (bailarino e professor na Escola de Bailado Carlos Fernandes)

O Henrique falou de uma coisa muito importante, que eram os projectos, de haver formação para os projectos.

Henrique Amoedo (director artístico do grupo Dançando com a Diferença)

A organização do sector: todos trabalham de forma isolada. Como a experiência de um pode beneficiar o outro e a todos.

Leandro Rodrigues (bailarino e professor na Associação de Artes e Dança da Madeira)

Falámos sobre a ideia de que a Câmara pudesse possuir um especialista em cada área das artes. Seria uma das estratégias que poderia facilitar este contacto entre nós. E a programação também é outra questão.

Henrique Amoedo (director artístico do grupo Dançando com a Diferença)

Uma coisa é a organização do próprio sector. Se o sector se organizar isso pode ser melhor para todos. Na questão da formação é melhor, todos ganham. E institucionalmente também. Como essas estruturas estiverem mais organizadas podem ter negociações ou conversas com a Câmara, por exemplo, que é quem promove este momento. Os artistas que passam pelo Teatro, que vêm fazer espectáculos, há acções pontuais, há *workshops*, há ligação, depende da negociação. Tem um plano quase fixo. Se houvesse possibilidade de uma troca mais direta ou institucionalizada, ou facilitada pela Câmara através dos apoios. Depois a programação, é muito difícil ter um programador que domine todas as áreas. Isto não é nenhuma crítica à programação do Teatro, não é isso. A dança tem tantas especificidades que eu posso ter um festival de dança com diferentes modalidades. Para cada dança tem pessoas que dão sugestões e ajudam a fazer a programação.

Leandro Rodrigues (bailarino e professor na Associação de Artes e Dança da Madeira)

Neste momento também em termos de infra-estruturas e para que possa haver essa programação tem de haver uma abertura, neste caso, dos teatros, para que possam fazer mais programação de dança. Para que consigam apresentar mais espectáculos e não só aqueles que possam vir de fora, mas também aqueles que estão cá dentro. Muitas vezes nós produzimos por iniciativa própria. Porque gostamos, é a nossa área e aquilo que fazemos. Por vezes falta um incentivo extra. Em termos de programação é muito difícil, porque normalmente é preciso pagar do próprio bolso o aluguer do espaço, para poder atuar. Nesse aspeto poderia ser bastante melhorado.

Vanessa Fernandes (professora e diretora da Escola de Dança do Funchal)

Acho que a utilização dos espaços deve ser paga.

Leandro Rodrigues (bailarino e professor na Associação de Artes e Dança da Madeira)

A questão é que muitas vezes fazemos por iniciativa própria. Provavelmente não temos o apoio necessário, ou desconhecemos os apoios que existem, ou não temos recursos humanos suficientes para poder dedicar tempo à preparação de um projecto com muita antecedência.

Henrique Amoedo (director artístico do grupo Dançando com a Diferença)

Toca naquele ponto que conversámos da qualificação do sector. Se diferentes sectores trabalharem mais juntos talvez seja mais fácil para todos e torne o sector mais forte. A organização do sector é um trabalho que tem de ser feito. Outra coisa é a profissionalização do sector: como vou buscar apoios? Como vou fazer projectos? Como vou cuidar da estrutura? O sector é tão frágil que as pessoas, ou criam, ou vão buscar apoios. Não conseguem fazer as duas coisas.

Vanessa Fernandes (professora e diretora da Escola de Dança do Funchal)

Quanto à questão da programação, não é uma crítica a ninguém, mas o certo é que, de todas as áreas artísticas, a programação da área da dança é quase inexistente na Madeira. É importante quando investimos na formação e depois temos jovens em formação que não têm qualquer tipo de contacto, excepto o “Dançando com a Diferença” que está constantemente em digressão e faz espectáculos fora, tem contacto com o mundo exterior muito mais abrangente do que qualquer estrutura. A verdade é que temos miúdos aqui a crescer, a ter formação na dança, e não têm qualquer tipo de referência artística. A programação é fraca nesse sentido. Não há Companhias de dança a virem à Madeira. Basicamente, o que acontece, excepto os espectáculos que são organizados por nós, é possivelmente um espectáculo de dança que vem cá uma vez ao ano. E se falarmos da programação do Teatro, estamos a falar de um espectáculo de uma Companhia exterior por ano. As outras salas de espectáculo nem programação fazem na área da dança. Não há referências para quem está a estudar, não há formação de público sem ser aquela que nós fazemos. As pessoas não são entendidas na matéria porque não têm conhecimento.

Gonçalo Sousa (bailarino e professor na Escola de Bailado Carlos Fernandes)

Se houvesse pelo menos uma companhia de renome na Madeira, por exemplo, os nossos turistas procuram um espectáculo de dança e não há.

Sara Anjo (bailarina e coreógrafa) – Moderadora

O “Dançando com a Diferença” é uma companhia de renome a nível regional, nacional e internacional. Mas, é um nome e isso sobrecarrega, esgota. O “Dançando com a Diferença”, para além de ser uma companhia de reportório e de criação, e que faz formação, é uma companhia que tem toda uma linha social e cultural. Não dá para mais, esgota. Precisamos de outros exemplos, tanto da Região, de dentro para fora, e de fora para dentro, para que os horizontes se cruzem e se inspirem. Parece-me uma das medidas urgentes e fundamentais em que os órgãos municipais têm que correr, ter linhas de programação à dança para que as pessoas tenham referências. Que apoiem os artistas, companhias e grupos que possam chegar. Para que continue a haver formação, porque a ver chegar espectáculos à Madeira dá formação.

E nos outros aspectos que falámos, por exemplo, os preconceitos em relação ao género, em relação ao parente pobre das artes, de conseguir ver a dança de outra maneira, desfrutar de todos os benefícios. A dança trabalha com muito conhecimento, que não é só o cognitivo, intelectual. É um conhecimento motor. Mais uma vez o grande exemplo do “Dançando com a Diferença”, que trabalha com corpos diversificados, de naturezas muito diferentes, e nós percebemos o grande potencial que a dança traz para esses corpos. É mesmo uma medida urgente a programação, que todos nos oiçam.

Henrique Amoedo (director artístico do grupo Dançando com a Diferença)

Passa pela formação de públicos. É quase como se fosse uma linha, uma continuação: como a dança é vista na escola, como o público da escola é formado, como a dança vai para outros públicos, ou seja, fazer um trabalho de aproximação à dança ou das diferentes danças que existem, dos diferentes públicos. De alguma forma ir sensibilizando as pessoas em diferentes ambientes, para as diferentes danças. Isto é um trabalho que deveríamos pensar de forma continuada, ou como sugestão para o plano estratégico até 2030.

Podíamos ainda aproveitar o livro *As Artes Performativas no Funchal. Contributo das Associações para o Planeamento Cultural* (2018), de Paulo Esteireiro, um estudo realizado para a Câmara Municipal do Funchal, que faz o mapeamento das artes performativas do Funchal. Tem sugestões interessantes para o sector, de como definir políticas públicas, e como as associações se percebem.

Leandro Rodrigues (bailarino e professor na Associação de Artes e Dança da Madeira)

Na minha experiência, formei-me como bailarino na Escola Superior de Dança, e no meu trabalho na Associação, noto que há muitas responsabilidades para uma pessoa só. Eu danço, tenho que criar e tenho que ensinar também. Por vezes faço trabalho de produção, incluindo figurinos, cenários, entre outros. Torna-se difícil conseguir gerir tudo isto. É neste sentido que, não sei se através da Câmara, pudéssemos ter alguma ajuda. É uma questão de falta de recursos humanos. Para que uma pessoa não fique tão sobrecarregada. Também já fiz projetos e continuo a fazê-los, mas por vezes fazes um projeto para pedir um apoio e não há nenhuma garantia que seja apoiado. Então, perde-se muito tempo a preparar um projeto sem saber se recebemos esse apoio. Também falta uma companhia profissional aqui na ilha. Já existe uma orquestra clássica, companhias de teatro, mas não há uma companhia profissional direccionada mais ao ballet clássico e à dança contemporânea. São essencialmente estas as dificuldades do nosso sector.

Henrique Amoedo (director artístico do grupo Dançando com a Diferença)

Estamos a falar da necessidade da profissionalização do sector. Os apoios regulares são importantes para que as companhias ou os grupos que trabalham no sector da dança consigam se organizar, mas também é importante que o sector pense nesta organização. O “Dançando com a Diferença” tem neste momento diferentes fontes de apoio (DGArtes, Governo Regional e Câmara Municipal do Funchal) e apoios privados (Júlio Silva Castro e o Grupo Porto Bay). Sabemos que isso são os apoios fixos. A partir daqui temos de fazer o nosso trabalho. Hoje são sete pessoas a trabalhar a tempo inteiro nos nossos escritórios. O sector da dança também pode ser gerador de emprego. Não falo dos bailarinos, dos técnicos...acho que temos de dar um passo atrás e pensar na formação deste sector, como é que se forma estas pessoas para fazerem isto, da mesma forma que falámos da dança no 1º ciclo. Há a formação das pessoas que vão dançar e depois as pessoas que vão trabalhar nos bastidores da dança, ou seja, pensar estrategicamente como fazer isto.

Sara Anjo (bailarina e coreógrafa) – Moderadora

Mesmo na profissionalização e especialização do sector pode haver este olhar para a profissionalização que está à volta, e que é fundamental, sobretudo para quem está a fazer um trabalho mais independente. Formação de produção cultural, administração, gestão, comunicação, assessoria, trabalho técnico (de luz, som), direcção de cena, tudo

isto. Temos de estar sempre em diálogo. Nós não sabemos nem podemos fazer tudo. Queremos fazer bem a parte de que gostamos e que conhecemos melhor.

Vanessa Fernandes (professora e diretora da Escola de Dança do Funchal)

Os cursos técnico profissionais não têm nenhuma área de formação relativa à parte técnica. E nós temos imensos eventos, se calhar era uma área de formação na qual valeria a pena começar a investir. As empresas ligadas à organização de eventos também iriam beneficiar, tendo técnicos com melhor formação.

Sara Anjo (bailarina e coreógrafa) – Moderadora

A Madeira acaba por ser pequena, mas o mercado não é assim tão grande. Não vamos formar centenas de bailarinos, e nem todos os alunos de dança querem ser bailarinos. Às vezes há um gosto enorme pela dança e querem estar ligados à área, mas não querem ser intérpretes. Como é que se pode apoiar estes jovens em formação, para que tenham outros horizontes? Se calhar uns querem ir só para a coreografia, querem só criar, outros querem só produzir ou ir para a parte técnica, mas com uma bagagem mais específica da dança.

Henrique Amoedo (director artístico do grupo Dançando com a Diferença)

Como é que a Sara vê a dança na Madeira, sendo madeirense e que saiu, com uma carreira fora da ilha?

Sara Anjo (bailarina e coreógrafa) – Moderadora

Na questão da programação, acho que, se conseguirmos no sector, nas estruturas municipais e privadas pensar na programação da Madeira, estamos a dar um grande passo. Abrindo isso, os horizontes de quem está em formação começa a abrir e a ganhar referências, começa-se também a criar oportunidades para o público. Os pais que têm jovens em formação também começam a ter mais visão em relação à dança.

Em relação à formação, eu saí (da Madeira) há mais de vinte anos e há um grande percurso. Há maior oportunidade, mas também pensar no que aqui dissemos, a profissionalização do sector. Nem todos queremos ser bailarinos, devemos criar oportunidades.